

*Literatura sobre os Açores vai mais longe*

# “As Ilhas Desconhecidas”, de Raul Brandão, agora traduzido para inglês

A obra “As Ilhas Desconhecidas”, de Raul Brandão, já está traduzida em inglês e acaba de ser publicada pela editora açoriana Letras Lavadas, para a versão local, enquanto que a edição americana é da Universidade d Darmouth Massachusets.

Trata-se de uma tradução de David Brookshaw, professor emérito da Universidade de Bristol, Reino Unido, e autor de diversos estudos na área da literatura brasileira e dos estudos pós-coloniais lusófonos, e tradutor de vários autores de língua portuguesa, entre os quais, Mía Couto, Paulina Chiziane, João Paulo Borges Coelho (Moçambique) e Henrique de Senna Fernandes (Macau), tendo ainda organizado antologias de contos de vários escritores portugueses.

“The Unknown Islands”, a versão em inglês, tem prefácio do escritor Urbano Bettencourt, que publicamos abaixo na versão em português.

“As Ilhas Desconhecidas” é uma das obras-primas da literatura de viagens ombreado com os melhores clássicos.

Com efeito, ainda hoje, é impossível compreender os Açores moderno, sem trilhar os passos e entender as apreciações do escritor nessa viagem realizada de Junho a Agosto de 1924, ao encontro de um mundo de magia

e mistério.

Ligam-se a natureza, as pessoas, as tradições e a história, e o que resulta é um panorama que naturalmente nos atrai, numa identificação em que nos tornamos participantes num extraordinário laboratório onde o povo açoriano se singulariza nas suas qualidades, através de um ‘melting pot’ baseado numa rica simbiose entre natureza e sociedade.

Raul Brandão nasceu na Foz do Douro, Porto, a 12 de Março de 1867, e morreu em Lisboa a 5 de Dezembro de 1930.

Militar de 1888 a 1911, quando se reformou do posto de capitão, foi ao jornalismo e à literatura que dedicou a sua vida, escrevendo livros, como Húmus, a sua obra-prima, ou peças de teatro como O Gebo e a Sombra, que impressionaram várias gerações até aos nossos dias.

Sem nunca ter escrito poesia, a sua escrita é predominantemente poética, e a condição humana é o tema profundo da sua obra: simbolista-decadentista no início, com História de um Palhaço, impressionista no final, quando escreve Os Pescadores e As Ilhas Desconhecidas, considerado «um dos melhores livros de viagens de todos os tempos na literatura portuguesa».

## Raul Brandão nos Açores - entre o espanto e o fascínio



POR URBANO BETTENCOURT (\*)

No Verão de 1924, Raul Brandão visitou os Açores durante cerca de dois meses. O resultado está registado em As Ilhas Desconhecidas, que se ocupa ainda da Madeira, pois a vinda aos Açores incluía a passagem por aquele outro arquipélago.

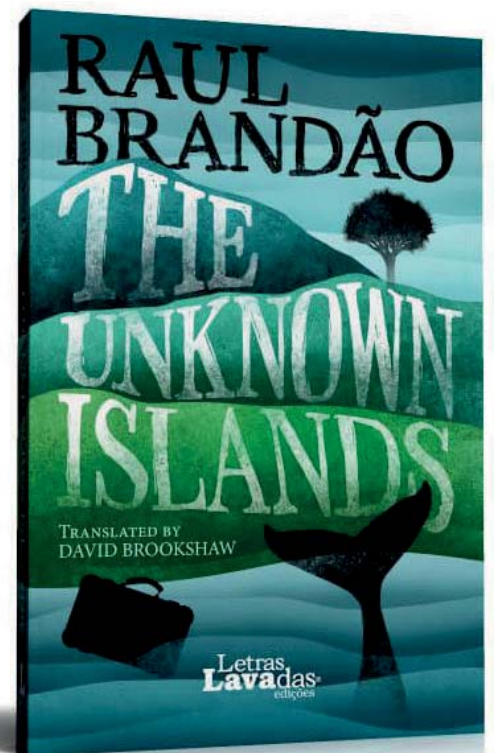
Brandão era por esse tempo um dos mais reputados escritores portugueses e ganhara no ano anterior um acréscimo de notoriedade com o sucesso do seu livro Os Pescadores, também resultante de viagens, mas ao longo da costa portuguesa. Nele, um estilista peculiar e seguro combinava a anotação plástica da paisagem, em registo impressionista, com o retrato incisivo e a traço fundo de figuras humanas, cujo sofrimento e humildade suscitavam ao autor uma re-

flexão sobre o tempo, a vida e a morte. Estes factores levaram a que, desde o anúncio da vinda do escritor aos Açores, se criassem expectativas quanto àquilo que As Ilhas Desconhecidas acabaram, efectivamente, por ser: um grande livro de viagens da literatura portuguesa e seguramente o melhor sobre os Açores escrito por um não açoriano, como escreve o poeta e investigador Pedro da Silveira; um livro que mantém o seu poder de surpreender-nos e cativar-nos, muito para lá de anotações circunstanciais e apesar das transformações que as ilhas sofreram entretanto – a nível das condições de vida, do relacionamento inter-insular, do contacto com o mundo, por exemplo.

Que razões explicam a permanência desta «entrevista com os Açores» (palavras do próprio autor), a sua capacidade para deixar-se ler tanto tempo depois? Qual o segredo d’As Ilhas Desconhecidas, susceptível de nos tornar quase contemporâneos das figuras humanas que aí encontramos e de nos fazer sentir o mesmo abandono e a mesma solidão que as percorrem e lhes é dado viver como coisa só delas?

Uma constatação imediata: a obra de Brandão vai muito além daquilo que inscreve no seu modesto subtítulo como «notas e paisagens»; ela não se limita ao registo do observado à superfície e às anotações sobre a paisagem insular como o faria um simples viajante apressado e coleccionador de clichés. As Ilhas Desconhecidas são o livro de um autor que vem aos Açores para descobrir um território e também para compreender as pessoas na sua relação com o espaço (e talvez este tenha acabado por tornar-se um aspecto preponderante).

Mas há mais: essa viagem é a concretização de «uma ideia velha» e estava há muito tempo projectada, como confessou o autor numa entrevista logo após o seu regresso dos Açores, e da qual se depreende que o Corvo constituía o objecto central da curiosidade do escritor, o motivo fulcral da sua viagem. Aliás, como revela Vasco Medeiros Rosa no seu livro Raul Brandão e os Açores (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2019), muito antes de visitar o arquipélago, já Brandão escrevera, em 1909, um artigo sobre o Corvo que acabou por ficar inédito; aquilo a que o



escritor aí dá mais importância é ao sistema de vida marcadamente comunitário e à organização social participada (de base, diríamos em discurso actual), de que resultava uma vida harmoniosa, sem conflitos de maior, e mesmo estes, a existirem, acabavam resolvidos de forma tranquila. «O Corvo é uma democracia cristã de lavradores.», escreverá mais tarde n’As Ilhas